

A VARIAÇÃO NÓS / A GENTE NO DIALETO MINEIRO: INVESTIGANDO A TRANSIÇÃO

Francisca Paula Soares MAIA
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Neste artigo apresento verificações feitas sobre a questão: “nós / a gente” no dialeto mineiro, mudança ou variação? Utilizando dados de uma localidade urbana (Belo Horizonte), e uma rural (Pombal), estudo fatores linguísticos e extralinguísticos, com base na Teoria da Variação de Weinreich, Labov e Herzog. A análise desses fatores mostra a força da morfologia na variedade analisada. Por sua vez, a análise em tempo aparente constatou uma ‘mudança em progresso’, com ritmo lento em Minas Gerais, quando comparada à situação do Rio de Janeiro e de outras localidades.

ABSTRACT

This paper is a report on the research I conducted on the alternation nós / a gente in Minas Gerais (Brazil), in order to establish whether the increasing usage of a gente is a case of sociolinguistic variation or a case of diachronic change. The framework of this research was the Variation Theory by Weinreich, Labov and Herzog. By comparing data from an urban locality (Belo Horizonte), and a rural one (Pombal), I evaluated the importance of several linguistic and extra-linguistic factors. My analysis pointed to morphology as the most important factor affecting this choice. My apparent time analysis detected a ‘change in progress’, slower in Minas Gerais, than, e.g. in Rio de Janeiro and others localities.

PALAVRAS-CHAVE

Formas pronominais. Mudança linguística. Transição. Variação linguística.

KEY WORDS

Brazilian Portuguese pronouns. Linguistic change. Linguistic variation. Transition.

Introdução

Meu objeto de estudo é o uso das formas pronominais **nós** e **a gente** na língua portuguesa falada no Brasil, mais especificamente, no dialeto mineiro. Por “dialeto mineiro” entenda-se aqui uma forma de falar da região central de Minas Gerais, conforme aparece em Nascentes (1953:17) e em Zágari (1998: 1).

No Português Brasileiro Padrão, a presença do pronome **nós** exige a desinência número-pessoal *-mos*; e a presença do pronome **a gente** exige a terminação de 3ª. *pessoa do singular*, conforme aparece abaixo:

- (1) a. **Nós** éramos cinco e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo. (Carlos Drummond de Andrade, CA: 5; *apud* CUNHA e CINTRA,1985: 131)
- b. Não culpes mais o Barbaças, compadre! **A gente** só queria gastar um bocadito do dinheiro. (Fernando Namora, TJ: 165; *apud* CUNHA e CINTRA,1985: 288)

Observa-se em (1) que as formas pronominais **nós** e **a gente** alternam-se como formas de expressão da *pessoa do falante + alguém* no discurso, conforme reconhecem os gramáticos tradicionais: “No colóquio normal, emprega-se **a gente** por **nós** (...)”.(CUNHA e CINTRA, 1985: 288). Além dessa aceção, podem também expressar a voz do próprio falante:

- (2) a. Hoje em dia **nós** *tamo* assim... (P.S.,27,f1, BH)¹
- b. **A gente** *perdeu* um pôco o contato (P.S. 27, f1, BH)

ou ainda ter referência indefinida (3 a-b):

- (3) a. Quando **a gente** é menino... (G.J., 48, f2, BH)
- b. **Nóis** *planta* é mio, feijão, arroiz é horta mesmo. (C.,31,f1, Pb)

¹ Visando preservar a identidade dos informantes e o acesso imediato aos dados, usei siglas aleatórias no lugar dos nomes próprios.

No português não-padrão, cada uma dessas formas realiza concordância ora com o verbo na 1ª. pessoa do plural, ora com o verbo na 3ª. pessoa do singular. Comparem-se (1a-b) e (4a-b):

- (4) a. Verdura **nóis** come sim senhora... (D.L., 64, f2, Pb)
 b. **A gente** duramo quase dois meses. (I.A.S., 22, f1, BH)

Além disso, a desinência verbal de primeira pessoa do plural pode ainda apresentar-se foneticamente reduzida (5 a-b):

- (5) a. **Nós** começamo só com três. (P.S.,27,f1, BH)
 b. **Nóis** vão lanchá num lugá lá. (R.A., 20, f1, Pb)

As próprias variantes podem, por sua vez, ter as seguintes realizações fonéticas: **nós** pode ser ditongado e **a gente** pode sofrer queda de segmento inicial, medial ou final; ou ainda ser pronunciado com consoante aspirada. Comparem-se (6a-b) e (7a-e):

- (6) a. **Nós fomos**, descemos e varremo as sala... (G.J., 48, f2, BH)
 b. **Nóis tinha** marcado o casamento... (R.C.,35, f1,Pb)
- (7) a. **A gente fica** amolado. (d.E., 76,f3, Pb)
 b. **A / ente** plantava lá a meia, plantava a terça. (J.S.,72,f3,Pb)
 c. **A g/te** vai na casa das pessoas... (E.M., 21,f1, BH)
 d. **A gen/** namorava era assim, cunversando, era a corte... (Cl, 74, f3, BH)
 e. **A hente** só roçasse lá, quemasse, plantava a terça... (J.S., 72, f3, Pb)

1 A variação **nós / a gente**

O uso de **nós** e **a gente** como variantes sociolinguísticas já foi estudado em alguns dialetos do Português: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São

Paulo e Porto Alegre Albán et alii, (1991); Abraçado, (1991); Menón (1994), Lopes (1999), Zilles (1999), não existindo ainda um trabalho dedicado exclusivamente ao comportamento dessas variantes pronominais no dialeto mineiro. Este trabalho veio preencher essa lacuna, possibilitando o estabelecimento de comparações entre diferentes dialetos brasileiros.

Estudos realizados sobre os pronomes *nós* e *a gente* dentro da abordagem variacionista para outras regiões do país mostram não se tratar somente de uma variação, mas de uma tendência à mudança. Machado, (1995); Lopes, (1999).

Meu propósito foi investigar duas comunidades linguísticas mineiras, uma rural (Pombal/Mariana) e uma urbana (Belo Horizonte), contrapô-las, e verificar se um processo de mudança está presente e qual a sua força. Essa contraposição decorre, por sua vez, do fato de as comunidades rurais e urbanas apresentarem ritmos de mudança distintos, o que permitiu a ampliação do espectro do fenômeno analisado, contemplando um período de tempo mais amplo. Meu foco de atenção foi a correlação entre *nós* e *a gente* e a morfologia verbal.

A bibliografia estudada, sem exceção, traça o perfil da variante *a gente* sem chamar a atenção para os contextos de resistência. Os trabalhos podem ser agrupados de acordo com duas hipóteses referentes ao gatilho da mudança:

Hipótese 1: a alteração no paradigma pronominal leva ao empobrecimento da morfologia verbal, defendida nos trabalhos de Menón (1995, 1996), Lopes (1999), Zilles (2002), Omena (2003).

Hipótese 2: alterações na morfologia verbal levam à mudança no paradigma pronominal. Defendida por Abraçado (1991). Esta é a hipótese que defendo neste trabalho sobre a variação das formas *nós/a gente* no dialeto mineiro. Numa linha diferente da dos trabalhos anteriores, e semelhante à de Abraçado, testei a seguinte hipótese: o enfraquecimento da morfologia verbal foi o gatilho da mudança.

A análise quantitativa foi realizada com o propósito de responder às seguintes questões:

- (A) Que fatores linguísticos e sociais estariam condicionando o uso das variantes **nós** / **a gente** no Português falado em Minas Gerais?
- (B) Os dados configuram *mudança* ou *variação estável*?
- (C) A implementação da forma **a gente** é anterior ao processo de “simplificação do paradigma verbal” ou é seu gatilho?
- (D) Qual foi a *transição* dessa mudança no sistema linguístico, se é que houve mudança?

2 O modelo variacionista

Minha análise das ocorrências de **nós** e **a gente** no dialeto mineiro desenvolveu-se dentro da Teoria da Variação, que concebe a língua como um sistema heterogêneo do qual a variação é parte inerente (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1972a, 1972b).

Uma variação pode manter-se estável ou evoluir para uma *mudança em progresso*. No segundo caso, a variação tem maiores índices de realização nos grupos sociais centrais,² resultando em representações gráficas de padrão curvilíneo. Além disso, os falantes mais jovens tendem a realizar a variante inovadora mais frequentemente que os falantes mais velhos (evidência de *tempo aparente*). A essas duas evidências, Faixa Etária e Padrão Curvilíneo, associa-se a observação das transformações ocorridas ao longo do tempo, denominada evidência de *tempo real*. Se há *variação estável*, uma variante ocorre mais nas classes mais altas, e a outra variante ocorre mais nas classes mais baixas. A representação gráfica desse processo resulta em uma linha com vários picos, não havendo hierarquia entre as faixas etárias.

² Oliveira (1982) observa que não se deve padronizar a atuação dos fatores não-estruturais sobre as mudanças linguísticas, assim, nem sempre o padrão não-curvilíneo caracteriza variação estável, este varia de acordo com a atuação dos fatores sociais dentro da sociedade em estudo.

Na presente pesquisa, foi efetivada uma análise quantitativa com base no *tempo aparente*, evidenciado pelo comportamento linguístico de grupos de indivíduos de diferentes faixas etárias. Para a quantificação dos dados foi usado o programa GOLDVARB 2001 (Lawrence & Tagliamonte 2001), tendo como auxílio teórico Scherre (1992), Sankoff (1988).

3 Objeto de análise

Conforme já foi dito na seção anterior, foram utilizados dois *corpora* de entrevistas sociolinguísticas individuais. Um, com falantes de uma comunidade rural mineira: a comunidade de Pombal,³ é representativo do dialeto mineiro rural⁴ contemporâneo. O outro *corpus* reúne entrevistas sociolinguísticas individuais com 12 informantes de Belo Horizonte. São entrevistas representativas da fala urbana mineira e pertencem ao banco de dados da “fala belo-horizontina”⁵; três das doze entrevistas foram realizadas por mim.

Ao utilizar dois *corpora* tive por objetivo formar células que permitissem a análise do fator localização geográfica.

³ Cedidas pela Profa.Dra. Mônica G.R.Alkmin. Aparecem temas como futebol, perigo de vida, religião, etc.

⁴ Essa amostra constitui-se de 12 informantes, selecionados de acordo com a faixa etária. A comunidade de Pombal situa-se a 35 km da sede do distrito de Mariana, mais precisamente na Serra dos Pretos, com um total de 500 habitantes, nas imediações da Fazenda da Vargem e próxima ao Córrego Pombal. Seus moradores têm baixíssimo poder aquisitivo e poucos contatos com a área urbana. Quando da coleta dos dados, nem televisão esse povoado possuía. Apresenta um baixo índice de alfabetização (apud Alkmin, 2001).

⁵ A capital tinha, conforme dados do IBGE de 1997, área total de 330,93 km². Sua população era então de 2.238.526 habitantes. (Fonte: IBGE, Base de Informações Municipais – Malha Municipal Digital 1997). Segundo Corrêa (1998,p.43) “Belo Horizonte constitui núcleo metropolitano, formado por, aproximadamente 250 bairros, agrupados em 9 regiões, e mais 3 cidades satélites em seu contorno (...). Liga-se a todo o país por aeroportos, rodovias e ferrovias. As principais atividades econômicas são: indústrias de minerais não metálicos, metalurgia, material de transportes, químicos, perfumaria, têxtil, vestuário, bebidas, grande comércio varejista e atacadista.”

A variável dependente contém duas variantes, a saber: < **nós** > [**nós**] / [**a gente**]⁶. Cada uma das variantes aparece exemplificada abaixo:

(8) **Nós** *vêi* pra cá... (J.S., 72, f3, Pb)

(9) **A gente** num *sabe* quem é o certo. (P.S., 27, f1, BH)

Cada uma das variantes acima possui realizações foneticamente distintas. Conforme referido no Capítulo I, a variante *a gente* pode apresentar queda de segmentos, resultando [ɐ'ʒẽ], [ɐ'ʒẽt] e [ɐ'ʒt] ou alteração fonética [ɐ'ʒẽt]. Já a variante **nós** pode realizar-se como ['nois]. A cliticização e a ditongação das variantes, entretanto, não serão tratadas aqui.

Foram consideradas cinco variáveis linguísticas e duas variáveis extralinguísticas, que aparecem enumeradas abaixo.

As variáveis linguísticas testadas foram:

- I. Pessoa Verbal;
- II. Tempo Verbal;
- III. Referência [\pm Genérica];
- IV. Realização Fonológica da Desinência de Número e Pessoa;
- V. Saliência Fônica.

As variáveis extralinguísticas foram:

- VI. Faixa Etária: de 20 a 35 (F1); de 36 a 65 (F2); > 65 (F3);
- VII. Localização Geográfica: zona rural (Pombal) e zona urbana (Belo Horizonte).

⁶ Os colchetes foram aqui utilizados para distinguir as variantes 'nós'/'a gente' da variável 'nós', colocada entre parênteses angulares.

⁷ Utilizo aqui o Alfabeto Fonético Internacional (revisado em 2005). In: <http://weston.rutger.net/projects/ipa-chart/view/keyboard/>

As seguintes hipóteses orientaram a presente pesquisa:

- (A) A forma **a gente** é uma inovação;
- (B) O percurso da mudança que resultou na inserção de *a gente* no paradigma pronominal teria sido:
 - (i) **nós** V + -mos > **nós** V + -moØ > **nós** V+ -ão > **nós** V+ Ø > **a gente** V + Ø
- (C) Em (i) os tempos verbais inicialmente afetados foram:
 - (ii) V [- passado] > V [+passado]
 - (iii) V [- saliente] > V [+saliente] fonicamente

A seleção dessas variáveis foi feita tendo em vista a hipótese geral dessa pesquisa e os resultados de trabalhos já realizados sobre a variação em análise.

4 A análise

Farei a seguir um relato dos fatores verificados. Paralelamente apresentarei os resultados obtidos.

O primeiro fator estrutural testado foi a realização morfológica da pessoa verbal. Esse fator busca distinguir a realização do verbo na 1ª. pessoa do plural ou na 3ª. pessoa do singular. A fim de separar presença e ausência de desinência número-pessoal e tempo verbal, apenas a desinência foi observada. O propósito foi verificar se a desinência de 1PP (-mos; -moØ; -ão) inibe o uso da variante **a gente**.

Os valores obtidos (em percentual e peso relativo, doravante PR) indicam que é preferencial o uso de **a gente** com verbo na 3PS (61%; PR.61), havendo apenas 3% (PR.00) de ocorrências com verbo na 1PP. Já o maior uso do pronome **nós** é com verbo na 1PP (96%; PR.99), sendo que, na 3PS é de (38%; PR.30). Os valores probabilísticos obtidos confirmam os resultados percentuais. Chama a atenção aqui o quanto a morfologia verbal de 1ª. PP inibe a variação (PR.99).

Além das ocorrências de *a gente* e *nós* com formas finitas (de 3PS e de 1PP), foram obtidas ocorrências desses pronomes com formas não-flexionadas (gerúndio),⁸ perfazendo um percentual de 57% (PR.55) dos casos com *a gente*. Veja-se que esta porcentagem assemelha-se à da 3ª.PS, que é de 61% (PR.69). A diferença entre os respectivos valores percentuais é de apenas 4%, o que seria indicativo de que a ausência de marcas morfológicas de pessoa favorece o uso dessa variante.⁹

O segundo fator testado foi *tempo verbal*. O objetivo foi distinguir a ocorrência da forma verbal no presente ou em outros tempos verbais. A observação desse fator considerou a hipótese de que o presente, por seu aspecto indeterminado, favoreceria o uso de um termo mais genérico, no caso, a variante *a gente*. Essa hipótese resultou das observações feitas por Alves (1998: 68) que, ao estudar as novas formas de indeterminação do sujeito, mais especificamente ocorrências com *você, ocê, cê* encontrou 56% dos casos com verbos no presente, forma verbal “em que não há delimitação temporal para a realização de ação”.

Sendo a variante *a gente* usada com traço [+genérico] e o tempo presente indicador de indeterminação, a hipótese levantada é de que essa forma pronominal seja favorecida por esse tempo verbal. Teria sido esse tempo verbal a porta de entrada de *a gente* no paradigma pronominal?

As formas de infinitivo e gerúndio foram classificadas como [-passado], por compartilharem com o presente o aspecto [-conclusivo].

⁸ As formas de infinitivo foram consideradas como de 3PS, por tratar-se, segundo Cunha & Cintra (1985: 473) de “infinitivo pessoal” e “terem sujeito próprio”.

(c) Hoje eu vim cá pra *nós* *acerta*... (D.o., 80, F3, BH)

(d)...tudu isso influi também *a gente* *otá* (GR, 60, f2, BH)

⁹ Segundo BENVENISTE (1988; apud LOPES, op.cit., p.16), a 3PS é a “não-pessoa”, pois opõe-se, no discurso, à pessoa que fala (eu) e à pessoa que ouve (tu). GALVES (2000), no quadro gerativista, analisa a 3PS como não-pessoa. As formas impessoais do verbo também apresentam realização padrão e não-padrão: [andando] / [andanu]; [comprar] / [compra]. Entretanto, a variação na realização dessas formas não foi considerada.

Os resultados confirmaram que a variante *a gente* é favorecida pelo tempo verbal [-passado], 70% (PR.66). Esse resultado confirmou a expectativa de que o traço [-passado], de aspecto indeterminado e duração ilimitada, favoreceria o traço genérico da variante *a gente*. Por sua vez, a variante pronominal *nós* mostra-se mais favorecida pelo tempo verbal [+passado], correspondendo a 60% (PR.63).

O terceiro fator verificado foi *referência*, tendo em vista a hipótese de que contextos de referência [+genérica] favoreceriam a variante *a gente*, pois esta seria resultante de um processo de *gramaticalização* do item lexical *gente* (lat. *gens, gentis*), conforme Menón (1996); Omena & Braga (1996); Lopes (1999), e possuiria uma significação mais ampla.

O traço genérico da variante *a gente* é definido por Lopes (1999: 35) nos seguintes termos: “O *a gente* pronominal designa, mais comumente, um todo abstrato, indeterminado e genérico, representando o conjunto base “SER PESSOA (...) massa indeterminada de pessoas disseminada na coletividade”.

Dessa forma, é possível substituir *a gente* por “se”, por “qualquer pessoa”, ou por “a pessoa”, que são expressões de indeterminação, sem que o enunciado deixe de ser adequado ao contexto, portanto, nesse contexto, é forma Referencial [+genérica].

As variantes *nós* e *a gente* foram classificadas quanto à referencialidade em Referência [\pm genérica].

Os valores obtidos confirmam a hipótese de que a variante *nós* não é favorecida pelo traço [+Ref +Gen]: 31% dos casos (PR.34). Entretanto, esses valores revelam que há um espaço para a referência genérica no uso da variante *nós*. (Cf. Menón, 1994; Coveney, 2000), traço coincidente com a história da variante *a gente*, (Cf. Abraçado, 1991 e Lopes, 1999).

O quarto fator investigado foi a *realização fonológica da desinência de número e pessoa*. Busquei verificar se a forma padrão no Português do Brasil (PB) era realizada ou não. Com a quantificação desse fator, tive o propósito de confirmar a ocorrência do processo descrito na sequência

(i) da hipótese (C), repetido abaixo:

(i) **nós** V + -mos > **nós** V + -moØ > **nós** V+ -ão > **nós** V+ Ø > **a gente** V + Ø

Nesse processo a desinência de 1PP sofre erosão lenta, ratificando o enfraquecimento morfológico, inicialmente com a perda do *-s* desinencial e, depois, com a perda do *-mo*.

Em ambas as ocorrências, existe a mesma pessoa verbal, mas, do ponto de vista fonológico, há diferença.

Também é considerada não-padrão a seguinte ocorrência encontrada no *corpus* de Pombal:

(10) **Nóis** *vão* lanchá num lugá lá. (R. A., 20, F1,Pb)

Essa forma parece ser uma variação fonética da forma padrão. Provavelmente, teria havido supressão do *-s* do morfema *-mos* resultando '*vamo*'. Em seguida, teria havido a formação de uma só sílaba, em vez de duas: *vamo* > *vão*, resultando um ditongo nasal.

Dessa forma, em (15) a forma *vão* seria mais um dos estágios de implementação da mudança, e não a forma verbal de 3ª. pessoa do plural como poderia parecer.

Esse fator é uma evidência a favor da hipótese de que a mudança afeta mais imediatamente o paradigma morfológico, via fonologia e, posteriormente, afeta o paradigma pronominal, dando-se a mudança representada por **nós** > **a gente**.

Os resultados mostraram que a desinência número-pessoal do verbo pode se realizar foneticamente como padrão ou não-padrão. Em termos quantitativos, a forma pronominal **a gente** ocorre em 92% dos dados (PR.92) com a desinência número-pessoal padrão, ou seja, tem maior realização na 3PS. Já a forma pronominal **nós** apresenta um comportamento intrigante. Tem apenas 7% das ocorrências *-mos* (PR.07). A maior parte de suas ocorrências, 93% (PR.95) é com [-Padrão], isto é, há erosão fonética na maioria das ocorrências.

Após refinamento dos dados, os valores percentuais obtidos confirmaram que a desinência de 1ª. PP é um fator que favorece o **nós**. Com o morfema padrão *-mos*, há 100% das ocorrências com a variante **nós** e 0% com a variante **a gente**; indicando que essa terminação favorece o **nós**. Com o morfema *-moØ*, há 96% das ocorrências com a variante **nós** e apenas 3% com a variante **a gente**. A terminação *-ão* mostrou favorecimento categórico em relação à forma *nós* (100%). Mesmo quando a desinência é *zero*, a porcentagem de **nós** é de (38%)! Desse modo, os resultados evidenciam que a desinência se desfaz bem lentamente e que um vestígio mínimo de 1ª. PP é o bastante para favorecer a ocorrência do pronome **nós**.

Parece haver aqui uma evidência de que não é a entrada da forma lexical **a gente** que desencadeou o uso da 3PS. Se fosse, não teríamos um índice tão alto de **nós** com verbo na 3PS, representada por zero na tabela. Estamos aqui argumentando a favor de que formas de 3PS são, de fato, ambíguas, pois um item como *era* é, ao mesmo tempo, resultado de erosão fonética de *-mos*, a partir de *éramos*, como também é resultado de verbo *ser* + 3PS.

O quinto fator selecionado foi a *saliência fônica*, a partir da proposta de análise feita em Naro & Lemle (1977). Ao estudarem a ausência de concordância no Português do Brasil, os autores levantaram a hipótese de que tal ocorreria mais frequentemente com as formas verbais nas quais o morfema de plural é aplicado por último, ou seja, aquelas em que a forma singular difere pouco da forma fonética originada do verbo, sendo, portanto, raramente percebida.

Interessou-me capturar os casos de ambiguidade entre 3ª. pessoa do singular (3PS) e realização zero da desinência *-mos*. Por exemplo, o par *come/comemos* seria ambíguo, já o par *foi/fomos* não seria. *Come* pode resultar de apagamento de *-mos* em *come+ -mos*, já *foi* não pode resultar do apagamento de *-mos* em *fomos*, porque, se tivesse havido apagamento, o resultado seria **fo* e não *foi*.

De acordo com os resultados, o nível de saliência fônica que mais favorece o uso da variante **a gente** (70%; PR.66) é o que contém palavras nas quais o acréscimo do morfema de plural *-mos* ao radical altera o vocábulo quanto à posição da sílaba tônica ao ser usado com o pronome **nós**.

O segundo nível a favorecer o uso de *a gente* (62%; PR.59) é o nível em que não há nenhuma alteração fônica na mudança de 3PS para 1PP.

O terceiro nível em termos de favorecimento do uso da forma **a gente** é o que contém palavras que sofrem completa alteração ao passarem de **a gente** para **nós** (é/somos), com um percentual de 61% (PR.58).

Em quarto lugar está o nível das formas nominais do verbo (gerúndios), com um percentual de 57% (PR.53).

Os casos de paroxítonas que passam a proparoxítonas (51%), e palavras que apresentam algum tipo de alteração (alterações vocálicas: acréscimo; perda; omissão; hiatização; ditongação; alçamento; metátese; etc) com percentual de 42%, com pesos relativos.47 e.39, respectivamente, já não favorecem o uso da variante **a gente**.

Pelos resultados obtidos, a saliência fônica não se mostra um fator quantitativamente significativo, tendo sido excluído pelo programa estatístico. Esse fator, entretanto, mostra resultados curiosos. A variante **a gente** tem maior peso relativo nas formas verbais menos salientes, como *dar* e *ver*, e nas formas ambíguas: formas verbais como *muda*, que pode ser resultado de *mudamos* > *muda* + *-mos* ou de *muda* + *zero*.

O sexto e o sétimo fatores são extralinguísticos. São *faixa etária* e *região geográfica*. O primeiro fator extralinguístico teve por objetivo a realização da análise em *tempo aparente*. Os entrevistados foram agrupados em três faixas etárias. A faixa 1 (f1) é formada por indivíduos jovens, de 20 a 39 anos. A faixa 2 (f2) é formada pelos medianos, indivíduos de 40 a 59 anos; e a faixa 3 (f3), pelos indivíduos mais velhos, com idade acima de 60 anos.

Os resultados mostram que os jovens (que chamo de Faixa Etária 1) estão usando mais a forma **a gente** (63%, PR.60) do que as pessoas da Faixa Etária 2 (59%, PR.55) ou da Faixa Etária 3 (41%, PR.38). Segundo Labov (1972), quando é alto o índice na faixa etária dos jovens, é porque está havendo *mudança em progresso*. Em termos probabilísticos, é confirmada a tendência ao uso da variante inovadora **a gente** no lugar da forma pronominal conservadora **nós**.

O gráfico abaixo permite visualizar o uso das variantes nas faixas etárias verificadas:

GRÁFICO 1 - 'Nós' e 'A gente' X Faixa Etária

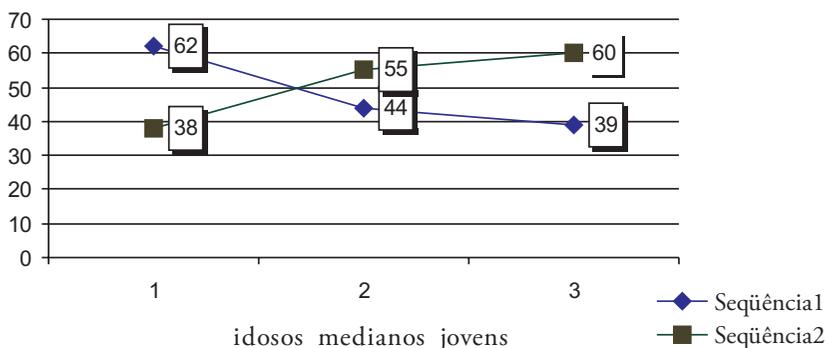
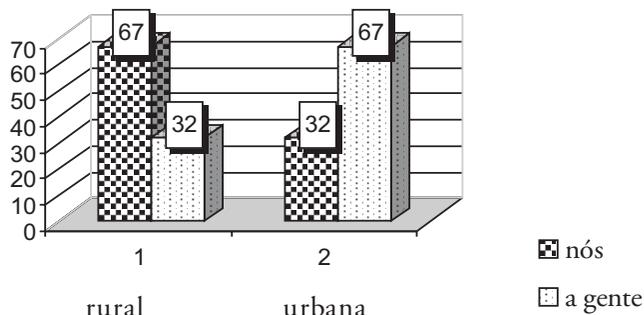


GRÁFICO 2 - 'Nós' e 'A gente' X Localização Geográfica



5 A transição de *a gente*

Segundo Weinreich, Labov & Herzog (1968: 184) *transição* é “the intervening stage which defines the path by which Structure A evolved into Structure B”.

Os resultados acima apresentados nos permitem afirmar que a mudança *nós* > *a gente* teria tido o seguinte percurso:

(a) presença do pronome NÓS acompanhado de V (verbo) com a realização plena da desinência de número-pessoal da 1ª. pessoa do plural → -MOS;

(11) ...seja mais o nós, *nós podemos*.(A.H., 34, f1, BH)

Conforme vimos na tabela sobre a ocorrência da desinência de 1PP com as variantes *nós / a gente* é inexistente a ocorrência da terminação *-mos* com a variante *a gente* nos *corpora* analisados.

(b) presença do pronome NÓS / A GENTE acompanhado de V (verbo) com a realização parcial da desinência de número-pessoa da 1ª. pessoa do plural → MOØ;

(12) *Nóis tão* hoje no dia sete, né? (P.S., 27, f1, BH)

(13) ... *a gente duramo* quase dois meses. (I.A., 22, f1, BH)

(c) presença do pronome NÓS / A GENTE acompanhado de V (verbo) com a realização parcial da desinência de número-pessoa da 1ª. pessoa do plural → -ÃO;

(14) *Nóis tão* tudo pricisano distruí dente aí, né... (C.,31,f1,Pb)

Não foi encontrado nenhum caso de *a gente* + *-ão* nos *corpora* analisados.

(d) presença do pronome NÓS acompanhado de V(verbo) com a ausência total da desinência de número pessoa. Neste momento, a forma pronominal **a gente** adquire força para ocupar o lugar da forma pronominal **nós**, pois a forma verbal é ambígua.

(15) No mais **nóis** *fica* é em casa mesmo... (C., 31, f1, Pb)

(16) **A gente** *ficava* sempre junto... (L.C., 69, f3, BH)

No exemplo (15) acima a forma verbal *fica* apresenta ambigüidade morfológica. Tanto pode ser forma de 3PS, portanto, apresenta morfema Ø, quanto pode ser forma de 1PP sem a realização fonológica da desinência *-mos*.

Observando o exemplo (16), vemos que o mesmo acontece. Entretanto, é com as formas de tempo [-passado] que a ambigüidade será maior. É constante na literatura linguística (Machado, 1995; Lopes, 1999) a hipótese de que formas verbais menos marcadas (presente do indicativo e infinitivo pessoal) condicionam o uso de **a gente**; e formas verbais morfológicamente mais marcadas favorecem o emprego de **nós** (pretéritos; futuro do indicativo e formas do subjuntivo). Entretanto, vimos que esse fator não foi considerado significativo pelo programa de análise multivariada utilizado. Apesar disso, é interessante observarmos a atuação desse fator na variação de **nós** e **a gente**.

Se observarmos o comportamento da forma verbal dos exemplos (15) e (16), nos tempos mencionados como menos marcados morfológicamente, temos que, tanto no presente do indicativo, quanto no infinitivo pessoal, essa forma, quando destituída da desinência de 1PP, apresenta ambigüidade: *fica* + *mos* > *fica* (3PS) / *fica* (Ø).

E o que acontece nas formas morfológicamente mais marcadas? Começemos pelo exemplo (16), que apresenta uma forma verbal de pretérito (Pretérito Imperfeito): *ficava* + *mos* > *ficava* (3PS) / *ficava* (Ø). Observamos que, caso não haja a realização da desinência de 1PP, também teremos ambigüidade. Nos demais tempos verbais teremos:

- a) *Pretérito Mais-que-perfeito (simples): ficara+ mos > ficara (3PS) / ficara (Ø);*¹⁰
- b) *Pretérito Mais-que-perfeito (composto): tinha+mos ficado > tinha (3PS) ficado / tinha (Ø) ficado;*
- c) *Pretérito Perfeito: fica+ -mos ≠ ficou (3PS); por sua vez, fica (Ø) é forma verbal do Presente.*
- d) *Futuro do Indicativo (simples): ficar (e)+ -mos / ficar (á) ≠ ficar (Ø); também neste tempo a ausência da desinência modo-temporal descaracteriza o tempo em análise;*
- e) *Futuro do indicativo (composto): *va + -mos ficar; aqui a ausência da desinência modo-temporal não é aceitável;*
- f) *Presente do Subjuntivo: fique+ -mos > fique (3PS) / fique (Ø);*
- g) *Pretérito Imperfeito do Subjuntivo: ficasse + -mos > ficasse (3PS) / ficasse (Ø);*
- h) *Futuro do Subjuntivo: ficar + -mos > ficar (3PS)/ ficar (Ø).*

Por esta visão rápida sobre o comportamento da forma verbal dos exemplos (30) e (31), observamos que o favorecimento da variante **a gente** ou da variante **nós** parece estar relacionada à possibilidade de ambiguidade morfológica verbal. Portanto, a hipótese de que formas dos Pretéritos, do Futuro do Indicativo e do Subjuntivo favoreceriam **nós**, não se sustenta. Conforme visto acima, as formas verbais dos Pretéritos não têm o mesmo comportamento em relação à ambiguidade morfológica, ou, à aceitabilidade da ausência da desinência de 1PP. O gráfico a seguir permitirá visualizar o fenômeno das realizações da desinência número pessoal da 1ª. pessoa do plural em Pombal.

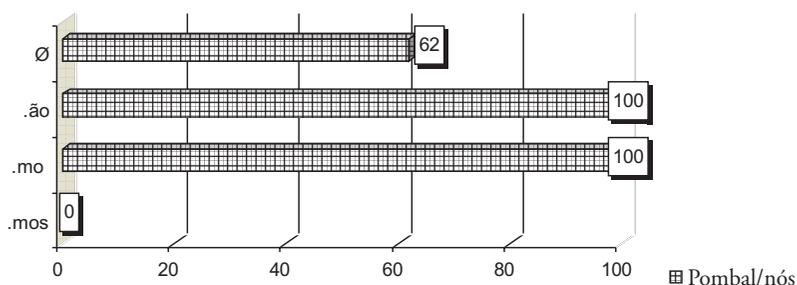
Observando-se a realização da desinência de 1PP em relação à forma pronominal **nós**, encontram-se as seguintes situações: a desinência *-mos* não ocorreu nenhuma vez nos dados de Pombal (0%). Em 12

¹⁰ O Pretérito Mais-que-Perfeito simples foi aqui mencionado por estar no rol de todos os tempos verbais mencionados pelas gramáticas tradicionais. Ressalte-se o fato de que este tempo verbal não apresenta uso na língua portuguesa contemporânea falada no Brasil, há muito tendo sido substituído pelo Pretérito Mais-que-Perfeito composto.

ocorrências, a desinência *-mo* ocorreu 100%, o mesmo acontecendo com a desinência *-ão*, que teve 05 ocorrências; ou seja, em Pombal as terminações *-mo* e *-ão* têm ocorrência categórica com a variante **nós**. Por sua vez, a desinência *-Ø*, com percentual de 62% de ocorrências revela uma possível abertura para a substituição da variante **nós** pela variante **a gente**.

Todavia, se a inserção do pronome fosse o fator responsável pelo enfraquecimento da desinência verbal, não teríamos **nós** + *zero*. Em Pombal, a variante **nós**, embora não supere a variante **a gente** neste contexto, apresenta 37% de ocorrência, o que é um índice surpreendente, conforme evidenciado no gráfico abaixo:

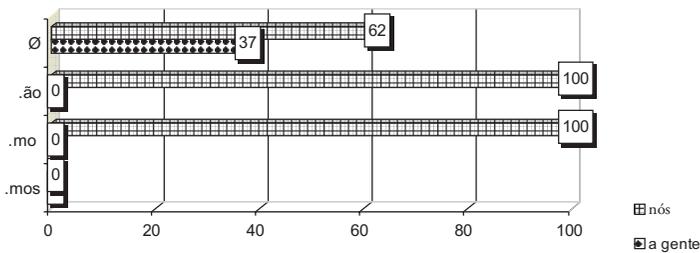
GRÁFICO 3 - Distribuição das ocorrências da desinência número-pessoal de 1PP com a variante 'nós' em Pombal (%)



Objetivando-se à reconstrução desse percurso, o fato de serem significativos os fatores: pessoa verbal e realização fonológica da desinência número-pessoal constitui evidência de que o gatilho da mudança **nós / a gente** foi a morfologia. Conforme visto na análise do fator pessoa verbal, mais bem detalhado pelo fator realização fonológica, a existência de um traço mínimo da desinência de 1PP é o suficiente para a não ocorrência da forma verbal com a forma pronominal **a gente**.

Os fatores referência e tempo verbal, por sua vez, forneceram evidências de que a aceitabilidade da forma **a gente** pela forma verbal já morfologicamente enfraquecida foi favorecida pelo traço [+genérico] carregado por essa forma desde sua origem, conforme bem visto em Lopes (1999). É por isso que os altos percentuais de ocorrência de **a gente**

GRÁFICO 4 - Distribuição das ocorrências da Desinência Número-Pessoal da 1PP com as variantes 'nós' e 'a gente' em Pombal (%)



foram com o tempo verbal [-passado], 70% (PR.67; e com referência [+genérica], 68%, (PR.64).

De acordo com os resultados obtidos na investigação do Fator Faixa Etária, os jovens estão usando mais a forma **a gente** (PR.60) do que os medianos (PR.55) e do que os idosos (PR.38), o que significa *mudança em progresso*. Segundo Weinreich, Labov & Herzog (1968: 171) é preciso ‘distinguir-se *age grading* de *mudança em progresso*’. O primeiro fenômeno é uma variação linguística própria de uma faixa etária, com tendências a sumir; e não propriamente de uma variação linguística onde uma das formas que co-variam acaba por impor-se após algumas gerações de falantes. O primeiro caso é descrito em Lopes (1999): apesar de a faixa etária dos jovens apresentar alto índice de uso da forma **a gente** (PR.77), os índices apresentados pelo grupo dos medianos e dos velhos são muito próximos (PR.39 e PR.40, respectivamente), caracterizando *age grading*.

Observando-se, neste trabalho, os pesos relativos atribuídos às três faixas etárias, é possível confirmar que se trata de *mudança em progresso*, uma vez que o peso relativo atribuído aos jovens apresenta um uso

bastante significativo da variante **nós** (PR.60) e é bem alto em relação à geração dos medianos (PR.55) e dos idosos (PR.38); por sua vez, a geração dos medianos apresenta um uso bastante significativo da variante **nós** (PR.55), o que afasta a hipótese de *age grading*.

6 Contextualizando os fatos estudados na transição ‘nós’/‘a gente’

O cenário apresentado na seção anterior permite capturar um paralelo¹¹ entre a inserção de *você* e a inserção de **a gente** no sistema pronominal do PB: ambos decorrentes do enfraquecimento da morfologia verbal iniciada na fonologia. Em relação a *você* teria havido o seguinte, segundo Oliveira & Ramos (2000): a perda do /d/ intervocálico que atingiu os morfemas número-pessoais da 2ª. pessoa do plural no português medieval, favorecendo o aparecimento de duas gramáticas – uma que reconstitui o paradigma verbal com a inserção da semivogal e, outra que, resultado de uma crase, faz surgir um paradigma verbal com formas neutralizadas entre a 2ª. pessoa do singular e a 2ª. pessoa do plural. A primeira é a gramática do Português Europeu; a segunda, a do Português Brasileiro. É nessa última que a forma de tratamento *você* passa a fazer parte do paradigma pronominal. (Cf. Oliveira & Ramos, 2000).

Lembrando o que dizem Weinreich, Labov & Herzog (1968: 172) sobre o encaixamento:

“Linguists are naturally suspicious of any account of change which fails to show the influence of the structural environment upon the feature in question; it is reasonable to assume that the feature is embedded in a linguistic matrix which changes with it.”

¹¹ Considero que a mudança ‘nós’/ ‘a gente’ envolve um conjunto de mudanças que se caracteriza, na sociolinguística laboviana como um caso de encaixamento (cf. Labov, 1994). Desse modo, os fatores determinantes do início e da continuidade das mudanças de *nós* / *a gente* não residem neles mesmos, mas estes itens mudam de modo simultâneo em consequência de outras mudanças que estão ocorrendo ou que já ocorreram em subsistemas linguísticos relacionados, conforme apontados nesta seção.

Vejamos, pois, como a variante inovadora *a gente* ingressa no paradigma pronominal do dialeto mineiro.

Em relação a *a gente* temos na amostra analisada a documentação do enfraquecimento fonético da desinência *–mos*. Conforme visto na análise, a erosão da desinência da 1PP inicia-se no nível fonético e atinge o morfológico, processo evidenciado pelos fatores *Pessoa Verbal* e *Realização fonética da Desinência de Número e Pessoa*. O espaço do [+genérico] existente no uso da variante conservadora *nós*, demonstrado pelo fator *Referência*, também favoreceu a inserção da variante inovadora *a gente* no quadro pronominal.

7 A propósito do debate sobre paradigma verbal no Português Brasileiro

As descrições acima inserem-se num debate que atualmente ocupa os linguistas brasileiros, no qual se identificam duas posições aparentemente contrárias.

A primeira posição é a que é reforçada neste trabalho. O paradigma verbal sofre perdas, de início fonológicas, passando a morfológicas. Essas perdas, ou reduções nas formas verbais, ao se tornarem frequentes, abrem espaço para a inserção da nova forma pronominal, alterando assim o paradigma pronominal. Na mudança *nós/a gente* a realização zero da desinência número-pessoal de 1PP é, então, reanalisada pelo falante como desinência de 3^a. pessoa, fazendo com que a forma *a gente* comece a fazer parte do paradigma pronominal. (Cf. Abraçado, 1991).

A segunda posição teórica, largamente presente na literatura linguística, defende que o inverso ocorre. Surge uma forma pronominal. Esta entra em concorrência com outra já existente. Após certo tempo, a forma existente termina por perder seu lugar no sistema pronominal para a forma inovadora.

Portanto o presente trabalho mostra que, ao contrário do que argumentam vários linguistas, dentre eles Duarte (1993), Roberts (1993), Galves (1993), Faraco (1996), Menón (1994, 1995, 1996), Lopes (1999) e Zilles (2002), temos no estudo da mudança *nós / a gente* uma evidência de que alterações morfológicas na forma verbal favoreceram a alteração do paradigma pronominal.

8 Conclusão

A realização deste trabalho teve como objetivo principal verificar se no dialeto mineiro há variação entre *nós / a gente*, se essa variação configura *mudança em progresso*; em caso afirmativo, qual teria sido o percurso da mudança.

Diferentemente das abordagens anteriores, tivemos a preocupação de verificar fatores inibidores da variante *a gente*. Feita a análise quantitativa e qualitativa das ocorrências, podemos concluir que:

- 1 - Há variação entre as formas *nós / a gente*;
- 2 - A variação de *nós / a gente* configura *mudança em progresso*; portanto, a forma *a gente* é uma inovação;
- 3 - Enquanto há um traço mínimo da desinência de 1ª. pessoa do plural no verbo o pronome *nós* resiste à ocorrência de *a gente*;
- 4 - Verbos utilizados no [-passado] favorecem a ocorrência da forma inovadora *a gente*;
- 5 - A forma *a gente* tem sua ocorrência favorecida pela referência [+genérica]; o que está diretamente relacionado à sua origem;
- 6 - Os fatores testados (Pessoa Verbal; Realização Fonológica da Desinência Número- pessoal; Número de Morfemas) comprovam a força da morfologia na variável analisada;
- 7 - A mudança apresenta ritmo mais lento em comunidades interioranas.

Espero que este trabalho tenha contribuído para explicitar parte de um fenômeno presente na gramática do dialeto mineiro, fornecer argumentos para o debate referente ao paradigma pronominal e, do ponto de vista metodológico, ter mostrado a relevância de tratar áreas geográficas distintas como amostras temporalmente diferentes, ao assumir que as mudanças não caminham num mesmo ritmo em comunidades dessemelhantes.

Referências

- ABRAÇADO, A. M. J. **Mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: causas e conseqüências**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 1991. Dissertação (Mestrado).
- ALVES, Nilton. **Formas de indeterminação do sujeito**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 1998. Dissertação (Mestrado).
- COVENEY, Aidan. **Vestiges of nous and the 1st person plural verb in informal spoken French**. Languages Science (Department of French, University of Exeter, Exeter), 2000. 22. p.447-481.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, M. E. L. **Do pronome nulo ao pronome pleno**. A trajetória do sujeito no português de Brasil. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (Orgs.). **Português Brasil: uma viagem diacrônica**. Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas: 1993. p.107-128.
- FARACO, C. A. **O tratamento você em português: uma abordagem histórica**. In: **Fragmenta**. Curitiba: Editora da UFPR, 1999. 13: p. 51-82.

GALVES, C. **O enfraquecimento da concordância no português Brasileiro.** In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 387-408.

LABOV, Willian. **Sociolinguistic patterns.** (Conduct and Communication, 4), Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
_____. **Principles of Linguistic Change: social factors.** Oxford, USA; Balckewell Publishers, 2001.
_____. **Principles of Linguistic Change: internal factors.** Oxford: USA: Balckewell Publishers, 1994.

LOPES, C. R. dos S. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português:** percurso histórico. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1999. Tese (Doutorado).

MACHADO, M. dos S. **Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”:** variação em dialetos populares norte-fluminenses. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1995. Dissertação (Mestrado).

MENÓN, Odete da S. **Analyse sociolinguistique del’ indetermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir de données du NURC- São Paulo.** Département de Recherches Linguistiques, Université de Paris VII. 1994. Tese (Doutorado).

_____. **O sistema pronominal do português do Brasil.** Curitiba: Ed. da UFPR, 1995. n 44, pp. 91-106.

_____. **Agente: um processo de gramaticalização.** Estudos linguísticos, (Anais de Seminários do GEL). XXV Taubaté: UNITAU/ CNPq/ GEL, 1996. p. 622-628.

NARO, A. **Varição e Funcionalidade.** Revista de Estudos da Linguagem. Belo horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1998. v. 7, n. 2, p. 109-120.

NARO, Anthony ; LEMLE, Miriam. **Syntatic diffusion**. Revista Ciência e Cultura. Rio de Janeiro: (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). 1977. v. 29, n. 3, p. 259-268

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, M. A. **Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso**. Ensaios de Linguística. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1982. n. 7, p. 71-89.

_____. RAMOS, J.M. **O estatuto de ‘você’ no preenchimento do sujeito**. No prelo. 2000.

OMENA, Nelize P.; BRAGA, M. L. **A gente está se gramaticalizando?** In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (Orgs.). Variação e Discurso. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.75-83.

_____. **A referência à primeira pessoa do plural: Variação ou mudança?** In: PAIVA, M.C; DUARTE, M.E.L. (Orgs.). **Mudança Linguística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa / FAPERJ, 2003. p. 63-80.

_____. **A referência à primeira pessoa do discurso no plural**. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M.P. (Org.). **Padrões Sociolinguísticos: Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1996. p. 185-215.

RAMOS, Jânia M. **Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque**. Revista de Estudos Linguísticos, (Belo Horizonte, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais), 1997. n. 5, p. 141-146.

_____. **A alternância entre “não” e “num” no Dialeto Mineiro- Um caso de mudança linguística**. In: COHEN, Maria Antonieta e RAMOS, Jânia M. (organizadoras). **Dialeto Mineiro e outras Falas: estudos de variação e mudança linguística**. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. pp. 31-40.

_____. **O uso das formas *você, ocê e ce* no Dialeto Mineiro.** In: HORA (Org.). **Diversidade Linguística no Brasil.** João Pessoa: Idéia Editora, 1997. p. 43-60.

ROBERTS, I. **O Português no contexto das línguas românicas.** In: ROBERTS, I; KATO, M. A. (Orgs.). **Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica.** Campinas: Editora UNICAMP, 1993. p. 409-421.

SCHERRE, M.M.P et alii. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores.** UFRJ, Faculdade de Letras. Departamento de Linguística e Filologia. Projeto de Estudo sobre o uso da língua (PEUL) 1992. (mimeografado).

TAGLIAMONTE, S.; LAWRENCE, H. **GOLDVARB 2001: A multivariate analysis Application for Windows.** (impresso)

WEIREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Empirical foundations for a theory of language.** 1968. In: MALKIEL (eds). **Perspective on historical linguistics.** Amsterdam: Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2001. p. 97-193.

ZÁGARI, Mario R. L. et alii. **Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa/Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ZILLES, A. M. S. **Gramaticalization of 'a gente' in Brazilian Portuguese.** University of Pennsylvania Working Papers Linguistics, 2002. v. 8-3.